

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1288	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6950	5120	10 de Outubro de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Aliança Anglo-lusa



CONTRA-ALMIRANTE ROBECK — SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA — MR. CARNEGIE
 ENTREVISTA NO PAÇO DE BELEM

CRONICA OCCIDENTAL

Ante a conflagração europeia — não nos afastámos sequer ainda um passo do nosso belveder de expectativa. Estilámos uma attitude — e persistimos, sem desmanchar uma linha nem descompôr uma prega, na contemplação serenissima dos factos. Calámos na alma a revolta, sufocámos no coração predilecções, que surgiam, ao de leve, espontaneamente, a pôr reveses á

nossa recolhida tranquillidade. Cerrámos os ouvidos aos gritos, sem alivio nem socorro, de pungencia, fechámos os olhos aos gestos desolados de desesperação — a vaga da miseria alastra num murmurinho sobre os territorios, sem arrancar de nós lamentações tragicas nem mover-nos ao espanto.

De longe, observamos os factos — e as considerações, que sugerem, exaramol-as firmemente nas colunas desta Revista.

Acontecimentos são acontecimentos, esforçamo-nos sempre por defrontal-os com animo e examinal-os sem preconceito, e

assim os descrevemos fielmente conforme se apresentam á objectiva da nossa observação atenta. Deles tiramos as conclusões precisas...

Tem sido esta a nossa attitude. Revista de Letras e Artes — sómente Letras e Artes nos puderam preocupar. Tudo o mais, interessou-nos reduzido a formulas literarias ou vasado em moldes de estetica. Habitados a escarpelisar — tornâmo-nos aridos como a crosta dum cancrideo. Enquanto o bisturi tremeluz e esboça no horizonte estrelas que vão orientar o viandeiro

Finalidade da Educação

— nós conservamo-nos, melancolicos e meditados, na tebaida do silencio, imobilizados a registrar a observação das coisas. Afinal, toda a vida consiste, para nós, numa experiencia a completar, lição de de historia ou curiosidade psicologica.

Todavia, ha factos que desalinham a attitude mais bem estudada e anulam a resolução mais denodadamente imposta. E de tal categoria são os factos que os telegramas da grande batalha accusam. Neste momento, o sabio perde a sua longanime serenidade, o filosofo não atina com o seu sistema, o artista não sabe da sua musa bem-amada.

E todos se erguem unanimemente a verberal-os com energia, a marcar-os com o estigma duma condenação eterna.

Eis o que succede, hoje em dia, necessariamente.

Na verdade, as atrocidades praticadas pelos alemães sobrepõem os maiores atentados da barbaria. Os relatorios publicados pela comissão belga de inquerito á devastação germanica conseguem elevar a indignação ao grau supremo do horrôr. Campos assolados, cidades, sem defeza, incendiadas, creanças imáculas vitimadas, macerações de donzelas, velhos em martirio, o incendio, a pilhagem... Que sabemos nós? A ferocia antiga subtilisou-se de requinte. Sistemáticamente, ordenam-se processos de destruição sobre dados precisos como numeros. E ainda podem eles invocar o amor suavissimo de Deus para acometer crueldades sem nome, pecados sem remissão — larvados de raiva, epilepticos de sangue! Mas tudo isto é, por assim dizer, nada...

A guerra é a guerra. Ela, por si só, consubstancia na sua expressão simples — atrocidades, devastações, o incendio, a miseria, o saque...

Por certo, ninguem vae dispôr-se em linha de combate, com plastron, luvas impereciveis e camelia ao peito.

A guerra — definiu-a magistralmente Padre Antonio Vieira. Exerceu-se de tal modo sempre e assim persistirá até á consumação dos seculos, emquanto despontar á superficie da Terra a brotoeja da vida.

Nós não na tememos pelo numero de victimas que esmaga implacavelmente sob o seu carro de destrôço. Não. Vida a mais, vida a menos, que importa? O embate das grandes massas beligerantes — é, assim, uma visão de côr, applicação de regras, resultado de primicias. Vida a mais, vida a menos, que importa? Ha algo de mais sagrado que a propria vida — é a esperança que religiosamente dentro de nós se nutre dos oleos sacros da alma, é o sonho que se nos irisou de luz no espirito, é a crença que mais e mais nos cresceu em maré de graça no coração. E nesse recolhimento balsamisante de santuario, sob os arco-botantes de catedral, havia de tudo isso — esperança, crença e sonho!...

Bombardearam a Catedral de Reims...

A Catedral de Reims!

O templo gloriosissimo não era pertença da França, pertencia a todo o mundo; — não era pertença do seculo vinte — pertencia a todos os seculos dos seculos; — crença do Passado, sonho do Presente, esperança a abençoar as nevoas do Futuro.

Bombardearam a Catedral...

Barbaros!

ANTONIO COBEIRA.

E' forçoso que terminemos por aqui a nossa viagem de estudo. A par e passo que iamos avançando, os campos alargavam-se deante de nós desmedidamente e novas observações começavam a aliciar sedutôramente a nossa attenção. Chegou o momento de relancear, em volta de nós, um olhar rapido de sintese, para apreendermos o fio subtil que concatena todas as nossas considerações. O facto central que resalta imediatamente á vista é a existencia da individualidade. Colocando-a em foco, conseguimos discriminal-a de teorias que pudessem entenebrecê-la. Seguimol-a nas suas extensas e envolventes ramificações. Tentámos tornal-a nitida no momento em que a força da propria corrente tendia a turval-a irremediavelmente. E assim lhe preparámos um caminho limpido de expansão e desenvolvimento. Tal é a finalidade da educação.

Sejam quais forem os metodos pedagogicos e as definições que da educação se concebam, o educador tem sempre por fim cultivar e dirigir o educando na linha de maior expansão da individualidade e conquista dum carater moral energico. Assim o entendeu Herbart. Assim o entendeu Pestalozzi. A individualidade distingue-se por tendencias e qualidades devidas exclusivamente á sua constituição nativa; a educação dirige essas tendencias e desenvolve o germen dessas qualidades, estimula-as, exercita-as, e delas tira o que as suas forças latentes continham virtualmente.

A individualidade transfigura-se na personalidade.

Preparar nos para a vida completa, tal é o fim da Educação — diz Spencer. Seria esta precisamente a opinião de Rousseau. O educador pode colocar o bem da sociedade em que vive, acima do bem do individuo que pretende educar. Tal foi a orientação da educação espartana. Tal foi a orientação da educação em Roma. Tal fóra o ideal da educação chinesa. E tal é, mais ou menos, sempre, o ideal da escola publica. Napoleão esforçou se por aplicar na escola franceza o processo pedagogico que daquele ideal deriva. O individuo era absolutamente sacrificado ao Estado. Os inconvenientes da educação, assim orientada, ressaltam imediatamente á attenção menos diligente. Tendo esta educação como finalidade sacrificar em holocausto á sociedade o individuo, o processo pedagogico não conta com êle. A individualidade é zero. Como se pode conceber uma educação, sem o estudo concomitante do educando? As consequencias perniciosissimas de tal metodo já nós as deduzimos e assinalamos nos capitulos que deixamos escritos. Esse metodo é o metodo pedagogico vigente. E o nosso trabalho não é mais que uma critica sumaria do metodo pedagogico em vigencia na actualidade e o esforço por construir sobre as suas ruinas uma metodologia mais esclarecida e mais humana. A escola publica descarta o desenvolvimento logico da individualidade. Como podemos, pois, conceber uma sociedade bem organizada, se os individuos que a formam, o não estão? A individualidade é letra morta. Como podemos, pois, conceber uma sociedade viva e energica, se os individuos que a formam estão inertes? Podem opôr-nos aqui uma objecção formidanda. Este sistema de educação que sacrifica absolutamente o individuo ao Estado, produziu, no entanto, pelo mundo antigo, caracteres extraordinariamente energicos. Para verificá-lo, basta esgueirar um olhar pelas paginas da historia grega ou romana.

Os chinezes souberam manter sempre o individuo na dependencia absoluta da colectividade; todavia os seus martyres e heroes são numerosissimos e grandes. E' certo. Mas a educação moderna não deseja forjar de nenhum modo heroes á moda antiga. Esse tempo longinquo de Grecia e Roma e China, primitivo, passou e não volta. No mundo antigo, o sistema pedagogico antigo podia ser de certo modo bom. No mundo moderno, o sistema de educação deve surgir consentaneamente das circunstancias, condições e espirito que o caracterizam. Na verdade — repetiuos e acentuamos — uma sociedade não pode manter-se por muito tempo viva, se não tem no seu seio, a agirem eficazmente, elementos constantes de renovação. Esses elementos de renovação, só os pode dar uma cultura inteligente e diligente da individualidade. A China desprezou o individuo e manteve-o na sujeição degradante da colectividade? Por isso, ela morreu, ou estagnou e apodreceu que é o modo mais miserando de morrer. As heroicidades praticadas e os martyrios sofridos, são um longo escabujar de agonia. Já em Grecia e Roma, assim não aconteceu

precisamente. Porque? Em parte, nos mundos grego e romano, a individualidade era cuidadosamente cultivada. A individualidade fisica era cuidadosamente desenvolvida. E a individualidade fisica é como o animal do bosque — bravo, selvatico, num momento, logo é manso e fraco sob a mão firme dum domador. A cidade antiga é um rebanho guiado pela aguilhada de um ou mais aventureiros audaciosos. Afinal, — em parentesis — isto ainda hoje acontece, simplesmente porque o progresso moral não tem avançado muito desde então. Mas o sistema de educação antiga está em perfeita concordancia com o espirito e condições antigas. Transposto e mantido para o mundo moderno, a metodologia de educação antiga, o que era então elemento de vida, tornava-se agora elemento de morte. Succede que o mundo antigo, começa a dissolver se, precisamente quando a individualidade começa a erguer a fronte altiva. Ha uma objecção enorme a alevantar. Identico facto succederia ainda hoje. A educação moderna, porém, sabe prevê-lo e procura evital-o. Como?

O fim da educação é desenvolver harmoniosamente as faculdades da crianca — diz, em unisono, a escola prussiana. Mas as faculdades mais brilhantes, assim harmoniosamente desenvolvidas podem servir á satisfação do equismo mais cego e desbocado e á satisfação vicio mais torpe. Acontece vulgarmente. Pretendem os utilitaristas que a educação arme o individuo para a conquista da felicidade. Mas a felicidade dum individuo o pode em certos casos prejudicar a felicidade de outrem.

E' que á cultura da individualidade deve presidir sempre a orientar um principio moral superior. Uma educação amoral não tem razão de existencia. Todos os homens estendem os braços ao seu ideal remoto de felicidade. Todos tendem para ela. E como cada individuo alimente, em si, latejante e oculta, a ambição inconfessada de alcançar primeiro, todos esbravatam, intrigam e mentem num combate sem treguas nem remissão. Um instinto cego segreda sediciosamente a cada individuo que é a luta, a intriga, a mentira, as armas mais propicias para a conquista da felicidade antevisada. Nada de mais falso e mais contraproducente. Deste modo, o homem realisa para alcançar a felicidade os processos que mais o inibem de a alcançar, assim como o afogado realisa, na ancia do salvamento, os movimentos precisos para um afôgo irremediavel. E' a moral que vem em auxilio do homem. E' uma especie de higiene social.

E assim se torna o principio dirigente de toda a verdadeira educação. A educação forma o homem, não precisamente para a humanidade, nem para o estado, nem para a sociedade ou corpo social a que pertence — mas para e por ele proprio. Evidentemente, esse homem não será o partidario que não vê alem do seu credo social, o sectario que não eleva os olhos do seu altar, o cidadão que se encadeou á sua cidade...

O homem que se limita ao seu partido e por ele sacrifica toda a sua actividade e ali resignou toda a sua vontade, já-nos a ideia dum homem que atravessasse a vida amarrado ao seu proprio caixão. A educação forma a personalidade para e por ela-propria. «*Vivre est le métier que je lui veux apprendre*», dizia Jean-Jacques Rousseau.

Ora — já afirmava com convicção não sei que conselheiro — o homem é eminentemente social. No momento propicio saberá ser cidadão, patriota, humano — homem da sua casta e da sua religião — conforme o interesse da sua actividade psiquica e acomodação social. O individuo deve-se ao estado e á sociedade. O homem deve-se á humanidade. Mas, antes de tudo e sobretudo, o individuo deve-se a si-proprio.

Assim os obstaculos que pessimistas e scepticos antevêem, não se erguem deante de nós. A educação não cria faculdades novas no espirito do educando. Simplesmente, orienta a sua compleição psiquica no sentido do maior desenvolvimento e expansão. Ambiciona, portanto, conhecer convenientemente o educando e descobrir-lhe o caminho que mais tarde por si só ha de percorrer. Procura enraizar-lhe e desenvolver-lhe no espirito a ideia altissima do *dever*. E como não é na acepção vulgar que tomamos o termo — precisemol-o. Nós não admitimos o imperativo categorico de Kant. Não podemos admitir o *dever* imposto pelo codigo ou moral feita. Não podemos sofrer o *dever* obrigado terminantemente por uma circunstancia exterior ou entidade abstrata. Mas aceitamol-o, defendemol-o, quando ele é uma ideia-força que surgiu expontaneamente das profundidades remotissimas do sêr.

Antonio Ramalho



RETRATO DE CRIANÇA

Céu e mar



uma ansiedade cheia de amargura,
Meus olhos vão buscando inutilmente
A terra em que deixei toda a ventura
Que só possui quem ama loucamente.

E oiço, quando em quando, com ternura,
Passar junto de mim suavemente
Um sôpro de tristeza que murmura
Algum adeos de quem ficou ausente.

A noite vem descendo. O sol morreu.
A minha terra ao longe se escondeu,
Mas creio vêr uns lenços a acenar!...

Saudade... sonho... ilusão... desejo!
Os lenços a acenar!...

Agora vejo
Que nada vejo, senão céu e mar!

18-IX-1914.

Espinola de Mendonça.

Folhas soltas

Uma historia de todos os dias

— O' Maria que tens tu que ha uns tempos para cá andas tão tristonha?

— Não tenho nada...

— Ah! a tua bonita cara diz o contrario. Quando hontem á tarde fallavas junto do adro como o sr. padre Francisco, está claro que não pude ouvir o que diziam, mas o sr. prior estava com ares de serios conselhos...

— Fallava da doença de minha mãe...

— Ora tu sabes que sou tão teu amigo, que te conheci desde pequena, e mostraste com tantos receios da minha pessoa! Anda diz o que tens... olha que sempre viver calada, pois não has de contar toda a tua vida aos teus paes, é uma grande ralação para a nossa alma. Só o sr. padre Francisco tem o privilegio de conhecer os teus segredos de coração?!

— De coração?!

— Sim, de coração, pois tu julgas que eu não sei dos teus amores com o Manuel, o filho da Joanna da Azenha?

— Oh! meu senhor, se soubesse o que tenho soffrido! Ninguém no lugar calcula o que foi para mim aquella noite de Natal, o anno passado!

— Mas dize o que foi, talvez te possa valer.

— Ha momentos na vida que mais valia que Deus nos levasse, pois damos em troca d'um amor, que nós julgamos verdadeiro, o que temos de mais caro, para depois sermos esquecidas, despresadas, enganadas!

— Tens razão, Maria. Não calculava que a tanto tinhas chegado! Mas se elle foi assim para contigo, esquece-o, despresa-o!

— Impossivel! impossivel! Se eu gosto tanto d'elle! No logar não ha rapaz tão bonito! Bem sei que me desgraçou para sempre, mas não importa, serei sempre d'elle.

— Olha Maria, emfim avalio bem o teu desgosto, e se eu fosse fallar como Manuel?

— Por amor de Deus não faça tal, elle bem sabe que ainda o amo. Não lhe faltam raparigas, os homens são assim.

— Obrigado pela parte que me toca.

— Não fallo do senhor, a isso não chegava o meu atrevimento.

— Qual foi o conselho que te deu o sr. prior?

— Que me resignasse e que tivesse sempre uma viva fé em Deus!

— Conselho d'um bom coração, Maria! Sim, segue-o, trilha sempre o caminho que as boas almas, os puros corações te indicarem. Elle possui uma alma chegante a Deus, conhece melhor do que eu as coisas da terra.

— Mas... o senhor disse que fallando com Manuel...

— Vês Maria, como já não queres seguir os conselhos do sr. padre Francisco; já te agrada mais o meu conselho... não, não, estou certo que Deus te ajudará. Onde ha um grande amor, existe sempre uma força invencivel, e não será Deus que a alimenta, se a sua religião é toda amor?!

— Diz bem, soffrerei ainda muito mais, não importa, seja o que Deus quiser.

.....
A pobre rapariga partiu, e eu quedei-me a pensar como a mulher sabe melhor amar do que nós!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

PELO MUNDO FÓRA

A tremenda hecatombe europeia continua cada vez mais tragica, não podendo ninguem prevêr-lhe o termo. Os aliados têm inflingido serias derrotas aos allemães, cujo exercito se retirou da linha *Lille, Arras, Amiens, Senlis, Meaux, Coulommiers, Vitry-le-François* e *Verdun*, indo occupar uma linha que passa por *Valenciennes, Cambrai*, entre *S. Quentin e Guise*, a oeste de *La Fère*, ao sul de *Laon, Rethel de Vou-*



HELIOGRAFO EM OPERAÇÕES

ziérs, atravessando o *Meuse* ao norte de *Verdun*, contornando esta praça a leste e ao sul até *S. Alihiel*, e voltando para leste, na direcção de *Metz*.

O exercito allemão, commandado pelo *Kronprinz*, pretendeu separar os exercitos dos generaes *Joffre* e *Pau*, que se estendem ao largo da fronteira da *Alsacia*, mas

inabalavel confiança no exito final da lucta. O presidente *Poincaré* respondendo ao rei disse: *Na hora da justiça reparadora ninguem poderá esquecer o que vossa majestade e o admiravel povo belga terão feito pelo triumpho da causa commum.*

O submarino inglês *E 9*, commandado pelo tenente *Max. R. Norton*, e em explo-



CANHÕES ABANDONADOS PELOS ALEMÃES PERTO DE TERMONDE

falharam-lhe os planos, pois que o general *Pau*, fazendo avançar os corpos do exercito que estavam em *Toul*, tomou as posições que o exercito allemão abandonára na planicie de *Woivre*. O objectivo dos allemães era não sómente cortar o exercito de *Joffre* do de *Pau*, mas principalmente enrolar a ala esquerda d'aquelle para obrigar os francezes de novo a retirar e avançar por *Vitry, Chalons, etc.*, para *Paris*.

ração no Mar do Norte, metteu no fundo o cruzador allemão *Hela*, seis milhas ao sul de *Heligoland*.

Tambem foi ao fundo o paquete allemão *Cap. Trafalgar*.

A perda dos tres cruzadores ingleses, *Hogue, Cressy* e *Aboukir*, com perda de duas mil victimas em nada affecta a supremacia da armada britannica, que conta 40 cruzadores do mesmo typo, além de 11 super-dreadnoughts, 15 dreadnoughts,

40 pre-dreadnoughts, 50 cruzadores ligeiros, 228 destroyers e 77 submarinos.

Diz-se que a Allemanha conta muito mais submarinos do que rezam as estatísticas e que trabalha com afincio na construcção d'outras unidades d'esse typo, o que não deixa de causar certo receio á Inglaterra.

O que é certo é que até agora a Inglaterra ainda não teve assignaladas vantagens no mar. As perdas do cruzador *Amphion*, de tres acima falados e de outro na bahia de *Zanzibar* são bem maiores do que as da esquadra allemã.

A marinha mercante da Allemanha está completamente anniquilada, como se sabe. No nosso Tejo estão retidos 35 vapores allemães e um austriaco, a saber: *Newa*, *Jaffa*, *Mogador*, *Lahneck*, *Rotterdam*, *Achilles*, *Uckermarck*, *Girgenti*, *Sophie-Rickmers*, *Westernald*, *Prinz Heinrich*, *Rhodos*, *Euripos*, *Picador*, *Galata*, *Cheruskia*, *Energie*, *Ackadia*, *Wurtemberg*, *Naxos*, *Enos*, *Antares*, *Taygetas*, *Cazablanca* *Milos*, *Mimra* *Schuldt*, *Dresden*, *Mailand*, *Bulow*, *Lubeck*, *Phoenicia*, *Pluto*, *Rolandseck*, *Electra*, *Mazagan* e *Fiume*.

Prefazem 98:958 toneladas (peso bruto),



INFANTERIA FRANCEZA MARCHANDO PARA AMIENS DEPOIS DA RETIRADA DOS ALEMÃES

linhas inimigas. Mas o rei matou o *chauffeur* com um tiro de revolver, e o ajudante tomou a direcção do carro, retrocedendo a tempo. Nos bolsos do *chauffeur* encontraram-se documentos em que os allemães lhe offereciam cem mil marcos.

Noticias allemãs informam que os allemães alcançaram victorias sobre os francêses em *Roye*, *Argonne* e *Toul*; que em *An-*

cinco divisões de infantaria, tendo cada divisão 600 officiaes. Imagine-se pois a mortandade que vae nesses interminaveis campos de batalha, onde, á falta de outros materiaes, se fazem trincheiras com os proprios cadaveres!

O *principe de Wied* combate agora pela Allemanha. O throno albanês vae ser occupado pelo principe *Burham Eddin*, fi-



ALEMÃES APRISIONADOS PELOS INGLÊSES DEPOIS DA BATALHA DO MARNE

sendo a sua tripulação de 1:343 homens e 36 commandantes.

O canal de *Kiel* está completamente cheio de navios de guerra allemães, trabalhando-se nos arsenaes com grande actividade. Chegam continuamente comboios carregados de canhões destinados á esquadra. Ha dois annos que a casa *Krupp* trabalha para a renovação da artilharia de vasos de guerra. Quasi todos teem já os novos canhões.

Os allemães atacaram valentemente *Antuerpia* e *Ostende*.

Emocionante o espectáculo tragico de oito mil pessoas, quasi tudo mulheres e crianças, em procissão pelas ruas de Viena, chorando em grande clamor, ou cantando hymnos pela salvação da patria.

Numa batalha entre austriacos e servios, proximo de *Krupagne*, na Servia, morreu o major servio *Boja Tankosic*, que era accusado pelo governo austriaco de ter fornecido os revolvers para o assassinio do archiduque Francisco Fernando e sua esposa. O major Tankosic era o chefe da associação *Narodna Obrana*, cujo objectivo principal é a propaganda do pansoismo.

Um telegramma de Bordeus diz que o *chauffeur* do rei Alberto tentou levar o automovel em que ia o soberano para as

tuerpia se tomaram de assalto algumas fortificações.

A embaixada da Austria affirma o fracasso russo em forçar os *Carpathos* e invadir a *Hungria*. Noticias d'origem francêsa dizem que as perdas allemãs attingem 400:000 homens!

O *Times* de 25 de Setembro diz que a Inglaterra num mês de combate perdeu 1:100 officiaes, entre mortos, feridos e extraviados. Esta perda foi somente em

lho do ex-sultão da Turquia *Abdul Hamid*.

Essad Pachá foi nomeado presidente do governo provisorio.

E é nestes termos que assenta precisamente neste momento a melindrosissima questão internacional. Que surpresas poderá reservar-nos ainda o futuro?...

Porto, 6-X-914.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



SOLDADO FRANCÊS CUIDANDO DUM FERIDO ALEMÃO



INFANTERIA FRANCÊSA ATACANDO Á BAIONETA

EFEMERIDES

Visita do cruzador inglês "Argonaut"

Dia 28 de Setembro, o cruzador inglês *Argonaut* chegou ao Tejo e algumas embarcações, antes do meio dia, partiam já, rio abaixo, ao seu encontro. Um das embarcações do Terreiro do Paço e outras da ponte da Parceria dos Vapores e do Arsenal, indo cheias de passageiros e embandeirados em arco. Foi o *Castor*, onde iam os sócios da União Republicana, que chegou quasi á barra, o primeiro a avistar o *Argonaut*, que, sereno, entrava no rio.



MR. GERVAIS, COMANDANTE DO CRUZADOR FRANCÊS «DUPETIT THOUARE» ACLAMADO PELA MULTIDÃO

perder de vista. O *Argonaut* aproxima-se das embarcações, que o vão ladear, e de todos os lados soltam-se estridentes vivas, agitando-se febrilmente com os lenços.

O *Argonaut*, um pouco encostado á margem sul, passa em frente do *Adamastor* que o saudava com uma salva. Lentamente caminha, e o seu dorso enorme desenha-se nitidamente. E' bem um barco de guerra com todo o aspecto feroz que o caracteriza, o negro das suas chapas e dos quatro canos que o ornam além das pontas altas que abrigam os canhões mais poderosos que possui. Em frente da torre de Belem salva a terra com 21 tiros, arvorando a bandeira portuguesa no mastro da ré.

No momento de fundear, as manifestações repetem-se sendo levantados calorosos vivas á Inglaterra, a Portugal e á marinha inglesa.

Os srs. Somers Coeks e H. Jones, seguidos pela comissão, sobem a escada do portal, onde no topo, os espera o contra-almirante De Robeck, rodeado pela officialidade. Feitas as apresentações, os hospedes do contra-almirante De Robeck passam ás dependencias do comando. Ahi, o sr. dr. Teófilo Braga entrega ao almirante inglês a mensagem de congratulação pela visita do *Argonaut*, acompanhando o acto com algumas palavras de calorosa simpatia pela marinha inglesa.

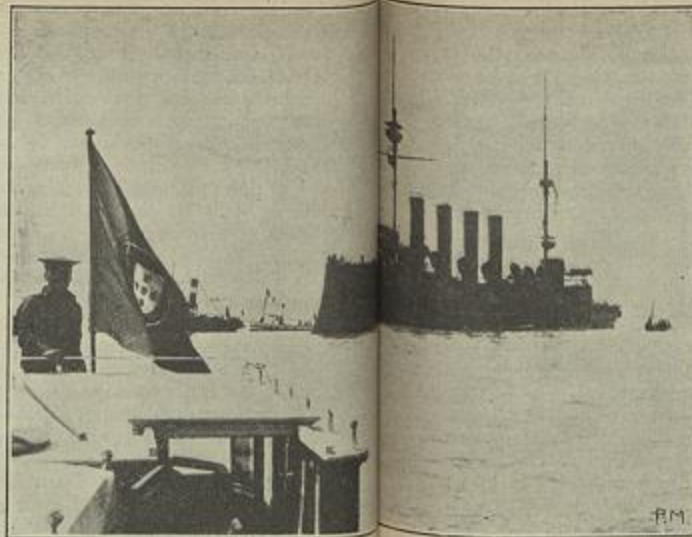
O contra-almirante sr. De Robeck, visivelmente comovido, agradeceu a manifestação do povo de Lisboa, de simpatia pela Inglaterra, afirmando que esta manifestação o não surpreendera porque conhece muito bem os sentimentos de lealdade do povo português, para com a sua aliada secular.

Em conformidade com o programa, o contra-almirante desembarcou no Caes das Colunas.

Assim que os officiaes desembarcaram, o povo, em enorme massa, rompeu numa calorosa manifestação de simpatia á Inglaterra, sendo constantes os vivas e os ahurshsh á nação amiga e aliada de Portugal.

O entusiasmo era simplesmente delirante. A banda do 16 de infantaria rompeu com o *God save the King*, que todo o povo ouviu de chapeu na mão, enquanto que bandeiras portuguesas e inglesas se erguiam no ar.

O contra-almirante e os ajudantes,



VISITA DO NAVIO «ARGONAUT»

Depois, aproximou-se o *Alcochete* e o *Dragão* onde ia a comissão promotora de homenagem e nomeada na reunião da Universidade Livre.

Outras embarcações chegam, todas elas engalanadas, comparecendo também o *Furão*, com o consul inglês e mais pessoal do consulado.

O *Argonaut* que se tinha já adeantado muito, estava agora a meia duzia de braçadas das embarcações que no meio do Tejo punham uma nota garrida.

O *Castor*, mais adeantado, acompanhava o vaso de guerra saudando os passageiros com todo o calor os marinheiros ingleses e a nação aliada.

A ré do cruzador vinha a guarda de honra formada e os officiaes, espalhados pelo convex olhavam a cidade que se desenrolava magestosa na sua frente até

presidencial, cercada com plantas e ao lado esquerdo uma outra tribuna para convidados.

O sr. dr. Manuel de Arriaga, enquanto passou revista ás tropas, foi sempre alvo de estrondosas manifestações, ouvindo-se muitos vivas.

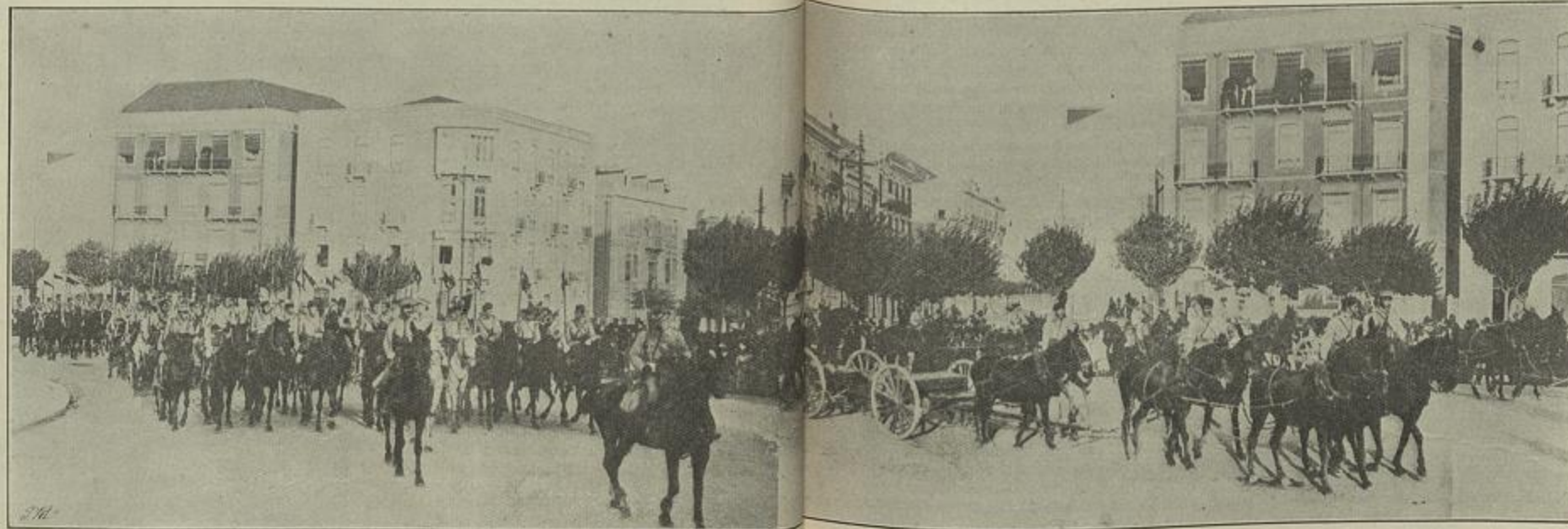
As bandas tocaram a *Portuguesa* e uma bateria de artilharia deu as salvas do estilo.

Finda a cerimonia, o illustre chefe do Estado regressou á Rotunda, onde se repetiram as aclamações.

Então o sr. dr. Manuel de Arriaga subiu para a tribuna, tomando lugar numa rica cadeira de espaldar, sentando-se á sua direita os srs. ministro da Inglaterra e o secretario da legação francesa e á esquerda o sr. ministro da França e o comandante do cruzador francês.

Na mesma tribuna tomaram lugar as pessoas a que já nos referimos. A outra tribuna encontrava-se cheia de convidados, no numero dos quais figuravam muitos deputados e senadores e respectivas familias.

Eram 17 horas prefixas quando as tropas começaram desfilar em frente da tribuna presidencial. Primeiro chegou a marinha. A banda foi postar-se na placa central da Rotunda, com frente para a tribuna, executando a *Portuguesa*, enquanto os marinheiros desfilavam por entre as aclamações do povo. A seguir á marinha chegou infantaria 1. A banda respectiva tomou o lugar da dos marinheiros. Desfilaram depois e sempre no meio de aclamações do povo, os regimentos numeros 2, 5 e 16 de infantaria e outras unidades.



PARADA MILITAR — BATALHÕES DE INFANTARIA E ARTILHARIA MARCHANDO

perfilados, faziam a continência. O povo, num febril entusiasmo, conseguiu romper os cordões da policia, e de tropel, batendo as palmas e acenando com os chapéus ou lenços, aclamou a grande nação inglesa.

Parada militar

Para celebrar o aniversario da implantação da Republica organizaram-se manifestações festivas que tiveram momentos de luzimento. Entre elas, a parada militar destacou-se necessariamente.

Foi extraordinario o numero de pessoas que acorreu, no dia 5 deste mês, a presenciar o desfile das tropas reunidas em parada na área designada no programa.

O aspecto da Rotunda era na verdade surpreendente. O recinto era todo em volta vedado com arame, havendo ali forças de policia e de cavalaria da guarda republicana.

Muitos milhares de pessoas ali se juntaram para assistir ao desfile das tropas. Ao fundo, estava a tribuna



PARADA MILITAR — DESFILE DA GUARDA REPUBLICANA

presidencial, cercada com plantas e ao lado esquerdo uma outra tribuna para convidados. O sr. dr. Manuel de Arriaga, enquanto passou revista ás tropas, foi sempre alvo de estrondosas manifestações, ouvindo-se muitos vivas. As bandas tocaram a *Portuguesa* e uma bateria de artilharia deu as salvas do estilo. Finda a cerimonia, o illustre chefe do Estado regressou á Rotunda, onde se repetiram as aclamações. Então o sr. dr. Manuel de Arriaga subiu para a tribuna, tomando lugar numa rica cadeira de espaldar, sentando-se á sua direita os srs. ministro da Inglaterra e o secretario da legação francesa e á esquerda o sr. ministro da França e o comandante do cruzador francês. Na mesma tribuna tomaram lugar as pessoas a que já nos referimos. A outra tribuna encontrava-se cheia de convidados, no numero dos quais figuravam muitos deputados e senadores e respectivas familias.

Eram 17 horas prefixas quando as tropas começaram desfilar em frente da tribuna presidencial. Primeiro chegou a marinha. A banda foi postar-se na placa central da Rotunda, com frente para a tribuna, executando a *Portuguesa*, enquanto os marinheiros desfilavam por entre as aclamações do povo. A seguir á marinha chegou infantaria 1. A banda respectiva tomou o lugar da dos marinheiros. Desfilaram depois e sempre no meio de aclamações do povo, os regimentos numeros 2, 5 e 16 de infantaria e outras unidades.

Mereceu elogios a forma como os soldados marchavam, motivo porque foram justissimas as aclamações que o povo dispensou aos valorosos soldados.

Salientou-se artilharia. Também se apresentou por uma forma correctissima, marchando muito correctamente, o 1.º batalhão da guarda republicana, do comando do major sr. Eugenio Mardel.

O desfile das tropas diante da tribuna presidencial, onde as palmas vibraram constantemente, durou uma hora, aproximadamente.

Ao saírem da Rotunda, as tropas marcharam pela rua central da Avenida, sempre no meio de entusiasticas aclamações, seguindo, ao chegar ao Rocio, para os diferentes quartéis.

A artilharia de Queluz voltou novamente pela Avenida, em direcção ao seu quartel.

Ao terminar o desfile, o povo, que se encontrava na Rotunda, avançando em direcção á tribuna presidencial, prodigalhou uma entusiastica manifestação de simpatia ao venerando chefe do Estado, aos srs. ministros da França e da Inglaterra e ao comandante do navio de guerra francês, soltando muitos vivas.

Foi uma manifestação imponente e prolongada, tendo o illustre chefe do Estado, o comandante do *Dupetit* e os srs. ministros francês e inglês tido um trabalho insano para saírem da Rotunda em automoveis, porque o povo, cercando os carros, não se cansava em ovacionar quem neles seguia.

Acontecimentos, como estes, tornam-se necessarios para exaltar intensamente o animo do povo português.

**Visita
do cruzador francês
«Dupetit-Thouars»**

A's 9 horas do dia 5, o *Dupetit Thouars*, que na vespera ficara na baía de Cascais, veio fundear em frente do Terreiro do Paço, no quadro dos navios de guerra. Ao seu encontro foram alguns barcos carregados de passageiros que os marinheiros e officiaes saudaram, lançando vivas repetidos á França, entusiasticamente correspondidos pela tripulação do cruzador francês. No Terreiro do Paço a multidão era enorme, junto do cais e da muralha e nos passeios centrais. A policia, superiormente comandada pelo major sr. Amaral, conseguiu desempeir a passagem no cais e na rua occidental até ao ministério do interior.

Vinte e quatro praças da guarda republicana faziam tambem serviço, comandadas pelo tenente Tereno.

A multidão a todo o momento aumentava, oferendo o magestoso largo uma imponencia que se impunha á nossa admiração.

No Tejo, áquella hora scintilante, navegava um sem numero de barcos embandeirados, que se dirigiam para o *Dupetit-Thouars*, a dar as boas vindas aos representantes da armada francesa.

Pouco depois das 10 horas, indo no *Dragão*, partiu do Arsenal a comissão de homenagem, que ao portaló foi recebida pelo comandante, capitão de fragata Gervais.

O sr. capitão de fragata Gervais, que se mostrou muito sensibilizado com as manifestações do povo português, disse que a sua demora neste porto não podia ser grande. Era necessario encaminhar-se para Brest em serviço.

Seguidamente, o comandante, acompanhado da comissão, subiu á ponte do navio, produzindo-se nesse momento uma extraordinaria ovação vinda das embarcações que rodeavam o *Dupetit-Thouars*, tocando a banda que ia a bordo do *Europa* a *Marselhês* e a *Português*, dóidamente applaudidas pelos manifestantes, que não cessavam aos vivas á França e ás nações aliadas.

A's 11 horas a comissão regressou a terra, e um momento depois navegava para o cais das colunas o escaler conduzindo o comandante Gervais com dois ajudantes e o secretario da legação.

O povo que se encontrava no cais, agita-se, e a banda da Concentração Musical executa a *Marselhês*, logo que os officiaes puzeram o pé na escadaria. De toda a parte soltam-se vivas e uma estrepitosa salva de palmas resôa vibrante.

A banda toca a *Português* e a multidão sempre sempre com o mesmo entusiasmo e a cabeça descoberta, sauda os illustres hospedes.



ROMANCE

M. Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

II

A condessa passou lentamente a mão pela testa e disse pausadamente:

— N'esse caso o meu dever está traçado, é uma Gisza pelo lado da sua mãe; não pôde haver discussões, por isso tem direito a ter abrigo no meu lar.

— Minha senhora, apenas peço uma coisa, procurar uma situação segura em casa d'uma familia seria; o meu unico desejo é ganhar a vida pelo meu trabalho, e não viver á custa dos outros.

O rosto da condessa toldou-se um pouco:

— Ganhar a vida, diz? Como?! professora, dama de companhia? Em fim, direi que é nova, um rosto, uns modos talvez demasiado perigosos para a vida que deseja seguir...

Myrto corou e duas lagrimas vieram-lhe aos olhos. Aquellas palavras serviram-lhe de obstaculo ás suas ideias futuras.

— No entanto, repito, quero ganhar a vida trabalhando.

— Minha filha, acho que se torna impossivel, deixá-la ter funções subalternas, desde que eu sei que é minha parenta. Seria desagradavel saber que era dama de companhia d'uma familia das minhas relações. Não, isso não. Ha talvez somente um meio, aceitar a minha protecção para poder viver n'uma pensão de senhoras, onde possa estar tranquilla...

— Não, isso não, preciso trabalhar, não quero nada dever á sua caridade.

A condessa ficou surprehendida, por uma tão altiva resolução.

— Vejo-me embaraçada, não sei francamente... só se... diga-me, não possui documentos dos seus cursos? disse a condessa, como se tivesse achado o assumpto resolvido.

— Tenho duas cartas.

— E' artista, não é verdade?!

— Violinista.

— Perfeitamente, minhas filhas adoram a musica, por isso ensinará o violino á Renato... desenha tambem?

— Um pouco.

— Muito bem; conhece a lingua magyar?

— Como a franceza. Nós fallavamos indifferentemente uma e outra, minha pobre mãe e eu. Fallo igualmente grego e um pouco de allemão.

— Bem, bem, vejo que tudo se arranjará, disse a condessa com um tom alegre, apertando as mãos de Myrto. Eis o que vos proponho: Loenig, a professora de meus filhos, vae-nos deixar para o anno que vem, quer ir para o seu logar? Como o contracto ainda dura um anno, e não tenho motivo para a despedir, ficará dando lições de violino ao meu pequeno Renato, e tocando com as minhas filhas mais velhas... Emfim, já tem onde possa trabalhar, e mesmo poderá ler-me qualquer coisa, os meus olhos estam tão cansados!

— D'essa forma, irei, e agradeço-lhe muito.

— Não me agradeça por enquanto, isto é um desejo meu, para o qual preciso a approvação do meu filho mais velho o principe Milcza. Espero que approvará o meu projecto, enquanto aos ganhos serão como para Loenig.

Um gesto de Myrto interrompeu-a.

— Antes de mais nada, preciso saber se os meus conhecimentos poderão substituir os da sr.^a Loenig. Acho que este assumpto poder-he-ha combinar para mais tarde.

— Oh! certamente! Quer vir já comigo? Está tão só!

— Gostava ainda ficar n'este quarto, disse Myrto, com os olhos cheios de lagrimas.

— Como quizer. Vou já escrever a meu filho, afim de combinarmos o mais breve possivel. Falarei sobre a obrigação que temos de não deixar uma menina ao abandono, demais tendo nas veias o sangue de Gisza. E' a unica condição capaz de lhe tocar no coração, pois elle é bem difficil de se commover. Diga-me, como é o vosso apelido?

— Myrto.

— Myrto! repetiu a condessa com um tom de descontentamento. Porque foi que Hedwiges não lhe deu um nome de nossa terra? E' catholica, pelo menos?

— Oh! certamente, como minha querida mãe. Chamo-me Giselia Hedwiges

Myrto. Foi meu pae que desejou assim o nome.

— Emfim, isso pouco importa, disse a condessa levantando-se. Como deseja ficar aqui, poderá almoçar, amanhã, comigo? Não teremos nenhuma visita, pode estar descansada, disse ella vendo o olhar de myrto sobre o seu vestido negro.

Apezar de Myrto ter grande vontade de recusar, não quiz deixar de fazer, d'esta vez, a vontade á condessa, e pediu a sua morada.

— Vou agora ao cemiterio, disse ella estendendo a mão para Myrto, vou resar sobre o tumulo de minha pobre Hedwiges... até amanhã, sim?

— Sim, minha senhora, e obrigada pela vossa bondade e interesse.

— Chame-me antes prima, não quero passar aos vossos olhos como uma pessoa estranha; até amanhã, Myrto.

A condessa deu um ligeiro beijo na testa de Myrto e sahiu, deixando na sala um tenue perfume de violeta.

Myrto encontrou-se novamente sozinha! Esta visita veio aliviar um pouco o peso que sentia sobre o coração. Um raio de esperanza viera illuminar-lhe a sua alma tão enlutada pela saudade e pelo isolamento. Myrto agradecia a Deus de lhe ter dado uma tão boa protecção e cada vez mais a sua fé estava mais arreigada no seu espirito de catholica. Talvez fosse até Hungria, esse paiz tão querido de sua mãe.

III

O tempo estava frio e pardacento, cahindo uma chuva muito miudinha. Myrto, no dia seguinte tomou a direcção de Paris. Ia triste ao pensar que iria para um meio desconhecido. Um *tramway* deixou-a no bairro de Saint-Germain não longe da rua onde habitava a condessa. Em pouco tempo chegou em frente d'uma linda casa aparatosa, onde um grande portão era encimado por um brazão complicado, Um creado todo vestido de preto encaminhou Myrto para uma sala magnifica, depois atravessou um salão com decorações artisticas, introduzindo-a n'um gabinete que apresentava um aspecto intimo, pois as cadeiras indicavam um certo desarranjo nos logares que ocupavam, livros abertos pelas mesas, jornaes, revistas, etc. Um pequeno cão estacionava a um canto. N'esta sala não estava ninguem. O creado affastou-se com um passo abafado pelo magnifico tapete e Myrto pode analysar o ambiente. O olhar foi attrahido de repente por um quadro colocado no meio da parede principal. Representava um rapaz, elegante, vestindo a farda dos magnates húngaros. A cabeça um pouco levantada, parecia fixar Myrto, pelo menos foi esta a impressão que ella sentiu. Mas Myrto não soube definir exactamente a natureza que o pintor tinha posto no olhar do seu modelo.

O ruido d'uma porta que se abria, ligeiros passos na sala contigua, fez voltar Myrto. Viu então chegar uma rapariga elegante acompanhada d'outra mais nova, ambas tendo o cabello louro, e olhar melancolico.

— Seja bem vinda, minha prima, disse a mais velha estendendo, a mão para Myrto. Minha mãe contou-me hontem a sua visita, e não calcula a vontade que já tinha de a conhecer! Esta é minha irmã Mitzi, e eu sou Terka.

(Continúa.)

Instituto de Soccorros a Naufragos

Estação de Soccorros na costa da Nazareth

Não se sabe quando se fundaria em Portugal o primeiro estabelecimento de soccorros a naufragos, nem é fácil averiguar. Sabe-se, porém, como nos afirma um distincto escriptor, que, em 1830, reinando D. Miguel, se mandou edificar na fós do Douro, na praia contigua ao Castello, uma casa que se chama *Salva-vidas*, de construção solida, sobre rochedos, para ali se estabelecer o serviço prompto de soccorros. O governo vendeu-a em 1835, mas readquiriu-a depois em 1852, a instancia da *Real Sociedade Humanitaria*, após o horroroso naufragio do vapor *Porto*, em que pereceram 60 pessoas. Desde então, estabeleceu-se ali, além do barco salva-vidas e d'uns aparelhos de salvação, um hospicio para naufragos, com bastantes camas e botica; e n'esta-circumstancias decorreu um largo periodo d'anos, sem que se dêsse factio algum notavel em todo o nosso littoral, então já muito conhecido dos navegantes pela ominosa designação de *costa escura*, mas felizmente não desamparada, ante qualquer sinistro, da heroica bravura dos maritimos da costa, de que nos deu um frisante e elo quente testemunho o patrão Joaquim Lopes, *não a matar irmãos, mas a rasgar mortaldas*, como nos diz o eminente poeta, Thomás Ribeiro; e na costa da Nazareth, Joaquim Bernardo de Souza Lobo, valente cabo do mar, pelo inexcedivel ar-rojo e temeridade dos salvamentos que effectuou, a fóra os d'outros individuos, que pela commissão executiva do instituto de soccorros a naufragos foram condignamente recompensados com justo applauso dos habitantes das localidades em que elles se praticaram.

Para dar, pois, a maior amplitude á prestação de soccorros a naufragos, veio preencher uma lacuna importante a lei de 21 de abril de 1892, criando *Instituto de Soccorros a Naufragos*, e, dentro da sua esphera d'acção, fez dotar os respectivos serviços por meio d'impostos additionaes diversos, segundo o disposto do regulamento de 7 de maio de 1903 e decreto de 25 de maio de 1911, mas tão sensata e convenientemente se lhes deu execução, que no decurso de poucos annos já havia, em uma grande parte das costas de Portugal, os indispensaveis instrumentos de salvação, como foram dadas ordens expressas, no intuito louvavel de evitar, tanto quanto possível, as frequentes perdas de vidas causadas por sinistros no mar, para se tornar obrigatorio o uso dos colletes de salvação para todos os maritimos e pescadores que estiverem no mar, a par de muitas outras providencias, que, sendo na sua maxima parte, devidas á iniciativa do inspector geral dos serviços de soccorros, capitão de mar e guerra, sr. Hypacio de Brion, têm concorrido para o engrandecimento de todos estes phylantropicos serviços, em cujo numero se incluirá, em breve, o estabelecimento d'uma nova estação de soccorros a naufragos na Ericeira com as importantes modificações introduzidas pelo mesmo inspector, para melhorar as condições do barco; e, sob sua indicação, já foi proposta a substituição d'algum material em serviço nas varias estações.

Conta já esta instituição de salvação maritima 34 estações, com barcos salva-vidas (1), e 21 carros porta-cabos inscrevendo nos seus registos 5:312 vidas salvas e 800 navios e embarcações soccoreidas.

E de facto os dados estatisticos, que ficam apontados, manifestam, sobremodo, quanto tem sido efficaz a organisação d'estes serviços.

A costa da Nazareth que deixou de ser *costa escura*, em 1 de dezembro de 1903, possui, desde esta data, um pharolim com alcance luminoso de cerca de 7 milhas no estado de transparencia atmospherica; e só mais tarde é que foi adquirida, mercê da valiosa interferencia do distincto official, sr. Hypacio de Brion, uma casa com frente para o mar, e em condições de ser adaptada para estação de soccorros e com capella, sob a invocação de N. S. dos Afflictos, sujeita a alguns reparos por ser de grande devoção entre os pescadores; e, além d'esta casa, e capella, um barco salva-vidas, que faz honra ao seu construtor.

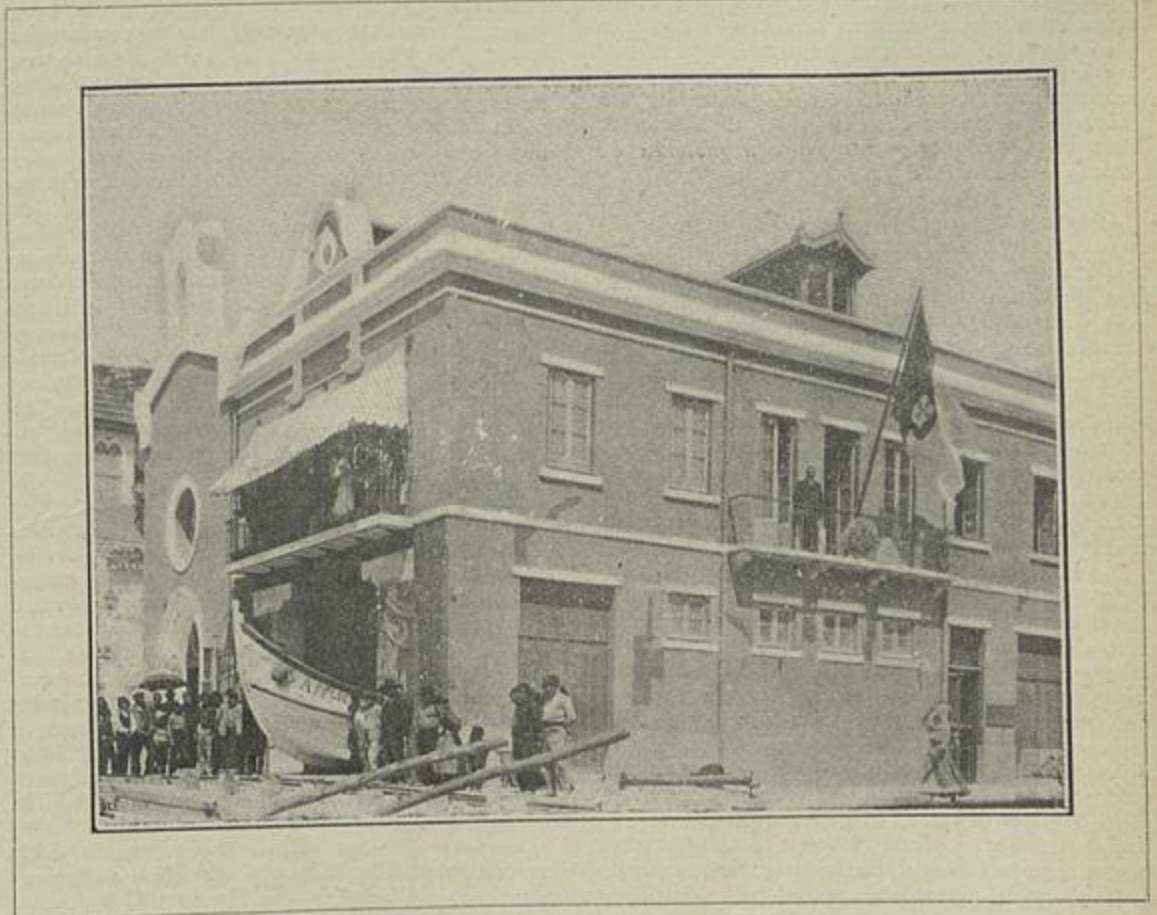
Tem este barco a que foi dado o nome de *Nazareth*, onze metros de comprimento com o convez, fechado, que abriga compartimentos cheios de cortiça torrada, tendo a longo do costado oito valvulas, que garantem o esgoto automatico, quando qualquer volta de mar o enche d'agua.

As condições de navegabilidade e submersibilidade, que lhe são dadas por estas disposições especiaes, asseguram-lhe o magnifico serviço que d'elle se espera.

Concluido o edificio com compartimentos amplos para abrigo do barco salva-vidas, do carro de aparelho vae-vem, montado em duas viaturas, e dos restantes aparelhos ali existentes, realisou-se a inauguração da estação de soccorros, n'esta costa, no dia 15 d'agosto de 1909. De manhã teve logar a benção da capella, feita pelo reverendo prior da Pederneira, assistido pelos reverendos priores do Vallado e do Reguengo, e em seguida missa cantada, sabindo a procissão acompanhada pelo inspector geral de soccorros a naufragos, administrador do concelho, capitão do porto, commandante do destacamento da guarda fiscal, Candido Rodrigues, juiz da festa e de mais de mil pessoas na sua quasi totalidade de pescadores. De tarde junto da porta da capella, entre uma grande mó de gente, proferiu o

reverendo padre Antonio d'Almeida, d'Obidos, uma brilhante oração em que aquilatou, em estylo claro e elevado, o merecimento e valor d'esta festa, pondo em destaque as agruras da profissão dos pescadores, que tantas vezes se vêem expostos á lucta inclemente das furias do mar. Esta oração foi tão judiciosa em seus conceitos que a todos commoveu. A' noite queimou-se um vistoso fogo d'artificio, e na praia estava armado um bonito arraial fechado por trinta barracas illuminadas. Correu esta inauguração na melhor ordem, deixando a agradável impressão de ser elevada esta estação á 1.ª classe; e a par d'este melhoramento segue-se outro, não de menor alcance, que foi o ter-se installado em maio de 1912 a linha telephonica entre a capitania do porto da Nazareth e o pharol do morro, o qual se destina ao serviço da salvação dos naufragos; e, sob este benefico intento, a ligação d'esta linha com a de S. Pedro de Muel. Terminando diremos: que os beneficos de que faremos um resumido relato, são, como acima affirmamos, devidos em grande parte á prodigiosa força d'actividade do ex.º sr. Hypacio de Brion, e ao seu nobre e fervoroso zelo, digno de louvar a todos os respeitos.

LINO J. F. DA COSTA.



INSTITUTO DE SOCORROS A NAUFRAGOS

MACAU

«Macao, situé dans une Isle à l'embochure de la riviere de Canton, fut cedé aux Portugais par les Empereurs de la Chine, pour avoir nettoyé la mer de Pirates.»

La Science du Gouvernement, par M. DE RÉAL, tome second — Paris, M.DCC.LXVI.

Macau! a esta breve palavra liga-se um nome, breve tambem e, entretanto, de tal aquilatação grandiosa, de tão súmo e expressivo significado, que não tem paralelo entre nós e avulta, fóra dos horizontes da patria portuguesa, n'aquella categoria de raras genialidades que mais honram a humanidade na corrente dos seculos, — Camões, que ali exerceu funcções «burocaticas» e, porventura, alguma coisa compós do seu poema immortal!

Todavia, a estada da epico no remoto ponto do Oriente ha sido posta em duvida por mais de um escritor; mas direi, com Jordão de Freitas, consumado erudito (*Camões em Macau*): «Como quer que seja, o que não soffre séria contestação historica é que Camões viveu durante algum tempo em Macau.»

A um outro erudito, sabio preclaro a quem fô-

ram abertas de par em par as portas de todas as academias scientificas do mundo, o 2.º Visconde de Santarem, vou socorrer-me, por sua legitima autoridade, quanto á nossa aquisição da cidade china.

Escreveu ele uma excelente memoria sobre a distante paragem, agora dada á estampa no 2.º volume de *Opusculos e Esparsos*, onde se encontra, subordinado ao titulo — *Dos primeiros estabelecimentos portuguezes na China, e especialmente em Macau*, o seguinte interessante paragrafo:

«No anno de 1542 já tinham os portuguezes um estabelecimento consideravel na China, a que deram o nome de cidade de Niampó, ou Liampó, na costa oriental do imperio, a 30 graus N. Em 1549 fundaram outro estabelecimento em Chim-Chée. Em 1557, a requerimento dos proprios chinas (segundo escrevem os nossos autores) alcançaram dos mandarins de Catão licença para commerciareem em Macau, ficando todavia inibidos de se alargarem pelos demais portos do imperio, concedendo-se-lhes a faculdade de irem ás feiras de Cantão.

(1) Durante muitos annos houve apenas em todo o littoral 4 barcos salva-vidas: o da Foz (1852), o de Paço d'Arcos (1840), o da Povoia de Varsim (1872) e o de Vianna do Castello (1884).

Em 1583 e 1585 alcançaram os portuguezes estabelecidos em Macau licença do vice-rei de Cantão, com autoridade do imperador, para entre si administrarem justiça aos seus, e em 1587 tiveram licença do dito vice-rei *Chin-su-g* para o mesmo effeito, sendo já tão sensível o augmento e riqueza da colonia portugueza, que os nossos lhe puzeram o nome de cidade do Nome de Deus de Macau.

Estas diversas concessões dos chinas feitas aos portuguezes constam de uns documentos a que chamam *Chapas*, de que possuo algumas copias na minha collecção diplomatica, bem como das que existem gravadas em uma lapide nas casas da camara de Macau, as quaes me foram dadas pelo coronel Lucas José de Alvarenga, que foi o governador da mesma colonia.

Sinto não ter aqui estes documentos, que poriam talvez em melhor luz a natureza das concessões que nos foram feitas pelos chinas; porém, se bem me recorde, não havia entre ellas nenhuma que delatasse de um modo formal e positivo que os chinas houvessem concedido aquelle territorio á corôa de Portugal.

Todavia, outros documentos de que em seu tempo farei menção, parecem demonstrar que os proprios chinas consideram Macau como uma cidade independente e fóra do dominio territorial do imperio.

Como esclarecimento aos leitores cumpre-me acrescentar que a aludida memoria foi escrita em Paris e datada de 4 de julho de 1845.

Posto isto, com a devida venia, definirei, topographicamente, a localidade pela penna de um macaense, o bacharel em direito J. Gabriel B. Fernandes (*Apontamentos para a historia de Macau — Lisboa, 1883*):

«Assentada no extremo suéste do vasto imperio chinês, a península de Macau acha-se unida por um istmo de 50 braças de largura á grande ilha de Hian-chan ou An-sam (montes odoriferos) comarca chinesa pertencente á provincia de Cantão na entrada do rio d'este nome, ou, mais propriamente, de Chu-Kiang (rio das perolas). Esta provincia, uma das maiores e principaes cidades da China, distanciada 20 leguas da foz do rio Hu-men (portas de tigre) com uma população de perto de um milhão de habitantes, é administrada por um vice-rei, que se intitula *suntó* dos dois Quang, isto é, das provincias do meio dia, Quang-tung e Quang-si.

No anno 14.º do governo do imperador Van-ly, 1573, edificaram os chinas no meio d'aquelle istmo, formado pelo deposito de areias deixadas pelo mar, uma muralha com porta, chamada do Limite ou do Cerco (*Kuan-chap*, em chinês) a qual era vedada aos portuguezes ultrapassar, por isso que muitos dos seus escravos fugindo a seus senhores iam roubar nas povoações da referida ilha de Hian-chan; franqueando-se-lhes depois uma vez por semana para se fornecerem no mercado que alli se fazia dos generos de que necessitassem, até que afinal passou a abrir-se diariamente, o mercado ou feira se internou e se fixou, e aos chins foi permitido o habitar dentro da cidade e *extra-muros*, aos quaes até então era vedado entrar em Macau. O istmo é hoje denominado — do Governador Ferreira do Amaral — e da muralha existe apenas restos que ainda são bem visiveis.

Está a península de Macau situada a 22º,12' de latitude norte, e 122º,40' de latitude léste do meridiano de Lisboa; tem 3 milhas no seu maior comprimento no sentido de nordeste a sudoeste, uma de largura e oito de circuito, e a sua distancia de Lisboa pelo canal de Suez é de 9:050 milhas, e pelo Cabo da Boa Esperança de 12:250 milhas.

O solo é de natureza granitica, bem como o de quasi todas as ilhas proximas, com excepção de uma illota (comprada pelos padres do Seminario diocesano em 22 de fevereiro de 1828) a qual, por sua constante e mimosa verdura, é conhecida pelo nome de Ilha Verde, ao norte da cidade.

Recostada em varias collinas da pequena e montanhosa península, apresenta a cidade macaense, contemplada do porto exterior, um panorama surpreendente e encantador. O pittoresco aspecto da sua principal rua, Praia Grande semeada de elegantes edificios de architectura europêa, e terminada ao nascente por um vistoso jardim publico, as suas igrejas, os seus fortes, renques de arvores plantadas aqui e acolá, e diversas casarias chinas de phantastico e agradável gosto, impressionam sobremodo o viandante.

Ha tres ancoradouros para as embarcações que demandam Macau: o do porto exterior, que jaz a 3 milhas de distancia a es-suêste da cidade,

vulgarmente conhecido pela — Roada de Macau — desabrigado dos ventos de N. a ESE., e onde ancoram navios de alto bordo com fundo de 6 a 7 metros; — mais proximo e ao sul, o da ilha da Taipa, appellada pelos chins Kai-Kong, que demora além da bahia em frente da Praia Grande, cercanda a península do sul a suêste e tendo uma montanha de 102 metros de altura; — e finalmente o ancoradouro do porto interior a oeste, produzido pelo canal que communica com o rio de Cantão, apresentando profundidade de 4 a 7 metros, entre a península e a ilha da Lapa ou *Tui-min-chan*. Esta ilha rodeia a península do noroeste a sudoeste formando a margem direita do rio de Macau defronte da cidade; era denominada antigamente — Ilha dos Padres, — pela residencia dos padres das ordens religiosas; contém 7 povoações chinas — Lapa, Pac-san, Chomi, Oiteng, Choc-sing tung (ou as *Onze mezas*), Ribeira Grande e Ribeira Pequena.

Além das ilhas da Taipa e Lapa, destacam-se as chamadas — Nove Ilhas, ao nordeste de Macau; os ilheus de Kai Kiang e de Ko-hó ao sueste; as ilhas de D. João, da Montanha ou Tai-vong-cam, do Bugio (onde se estabeleceram os postos fiscaes chins) ao sudoeste; de Ko-hó ou Colovane, ao sul, que, como a indicada ilha da Taipa, são povoações importantes de pescadores, constituindo um concelho, governadas por um administrador, que serve igualmente de comandante militar e presidente das commissões municipaes (Em portaria do governador da provincia de Macau e Timor, de 9 de maio de 1879, foi regulada definitivamente a existencia e movimento das receitas e despesas municipaes d'essas povoações, cujos habitantes chins pagam impostos que sobem a mais de 20 contos de réis annuaes.

Fóra dos muros da cidade deparam-se dois bairros ou aldeias chinas — de Mong-ha, a nordeste, e de Patane, a noroeste. A uma e outra aldeia interpõe-se uma planicie onde se fazem plantações de hortaliças, de superficie mais ou menos irregular, limitada a este por uma série de montes, da base dos quaes rebentam fontes de agua potavel; encontrando se tambem em quasi todas as casas e em alguns logares publicos, poços de cuja agua se servem os moradores para outros usos domesticos.

Sobranceira á dita aldeia de Patane, surge ufana dentro d'uma magnifica quinta, a historica e aprazivel «Gruta de Luiz de Camões» aonde, segundo a tradição, o principe dos poetas portuguezes compôz uma boa parte do seu sublime e immorredouro poema *Os Lusíadas*, pouco tempo depois da fundação do estabelecimento de Macau. Tão ameno e romantico sitio é com respeitosa curiosidade visitado por quantos nacionaes e estrangeiros chegam áquella cidade. Junto a esse asylo sagrado, e entre os grandes rochedos que o formam, sobresaie magestoso o busto eril do vate, cuja inauguração se effectuou com toda a solemnidade em 28 de janeiro de 1866.»

Ao presente e em virtude do decreto de 30 de novembro de 1899 não é já vigente a antiga organização de serviços em Macau e Timor. Esta nossa possessão da Oceania foi até declarada independente de Macau por decreto de 15 d'outubro de 1896 e constitue um districto autonomo.

A nossa provincia de Macau, cuja superficie em kilometros quadrados não passa de 10, reduz-se, pois, na actualidade á citada cidade de Santo Nome de Deus de Macau e ás duas mencionadas ilhas da Taipa e de Colovane.

A população consta de uns 80 mil habitantes na grande maioria chins, sobre os quaes superintende um funcionario com a designação de procurador dos negocios sinicos.

A principal das industrias, hoje, é o commercio, a larguissima distancia do valor d'outróra, e figuram como seu objecto cinco artigos caracteristicos, — chá, opio, sedas, charões e fructas, empregando para transporte numerosos barcos chins.

Os europeus, propriamente ditos, que entram na cifra dos 80 mil habitantes não me parece que excedam em muito os quadros de empregos publicos, civis e militares!

No *Boletim* da Sociedade de Geografia de Lisboa, n.º 1, da 15.ª serie, acha-se inserta uma substanciosa conferencia, levada a effeito em 4 de novembro de 1895 pelo distinto official superior do exercito Adolfo Loureiro que em Macau estivera em commissão de serviço e que a subordinou a este titulo:

MACAU E O SEU PORTO. D'ahi vou extrair estes curiosos elementos de meteorologia, que não julgo deslocados:

«Pelo que respeita a observações meteorologicas, soccorri-me ás colligidas pelo sr. dr. Lucio

Augusto da Silva, que foi digno chefe de saude em Macau, e que por tres annos successivos fez uma serie de observações thermometricas, barometricas e pluviometricas, de onde se deduz o seguinte:

A temperatura maxima observada n'aquelle periodo foi de 33,9 á sombra, e a minima de 6º,20. A differença para o nosso clima está principalmente em que a variação diurna entre o maximo e o minimo é sempre pequena, e que é muito curto o periodo em que as temperaturas se conservam baixas.

A pressão barometrica maxima foi de 722^{mm},74 e a minima de 737^{mm},17.

Nos tufões a columna barometrica soffre consideraveis abaixamentos.

O maximo grau de humidade foi de 99º,20 e menor de 40º,30.

A menor temperatura do anno é em fevereiro e a maxima em agosto.

A pressão barometrica diminue á medida que o sol se aproxima do zenith, e vice-versa, baixando até junho e recomeçando depois a subir.

Finalmente, a humidade, que é muito grande n'este clima, sobe de ponto nos mezes de abril e maio, em que o tempo é sempre nevoento, os ventos predominantes são os de E., de ESE, e de SE., e as paredes e pavimentos das casas estão litteralmente a escorrer agua.

A chuva média annual regulou por 912^{mm},2, tendo sido a maxima chuva em vinte e quatro horas de 248^{mm},2 em junho de 1863, e havendo muitos dias em que a chuva diaria foi superior a 130^{mm}.

Dos ventos achou-se a média por anno, do rumo do 1.º quadrante 109,3, do 2.º 138,8, do 3.º 63,5, do 4.º 43,0, e dias de calma 10,4.

D'estes os mais frequentes foram os de ESE., e a seguir os de E., os de NNE., os de NNO., os de N., os de ENE. e os de SSE. Os predominantes foram, primeiro, os do N., depois do NNO., do NE., do ENE. e do SSE.

Todas estas conclusões são accusadas nos diagrammas presentes.

Os annos de 1882 e 1883 foram excepçoes, um pela seccura, pois só teve oitenta e oito dias chuvosos, não produzindo mais de 1:133^{mm},09; outro pelo grande numero de dias de chuva, que foi de 117, com a chuva total de 1:988^{mm},91.

Quanto ao estado do céu, achou-se que fóra de 107 o numero de dias em que se conservou completamente limpo, ou quasi; de 135,8 os de nebulosidade mediana, e de 122,5 de céu inteiramente forrado, ou quasi forrado.

Em 1887 apresentou o digno ex-capitão do porto, o sr. Talone, o relatório do serviço meteorologico, referente ao periodo de 1882 a 1886.

Como os resultados, d'elle derivados, confirmam muito sensivelmente os que deixo expostos, abstenho-me de mencioná-los.»

Não quero passar adiante, sem recordar que, aos 29 d'outubro de 1850, no porto de Macau, foi pelos ares, devido a explosão do paiol da polvora, a fragata *D. Maria* 2.ª, do comando do official superior F d'Assis e Silva, que foi vitima bem como 187 dos seus subordinados da guarnição.

Um distinto diplomata brasileiro, Henrique C. R. Lisboa, que visitou Macau, registou assim, as suas pessoas impressões da cidade (*A China e os Chins — Montevideo, 1888*):

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.



O MEZ METEOROLOGICO

Setembro 1914

Barometro — Max. 768^{mm},0. em 11.

Min. 760^{mm},8. em 25.

Termometro — Max. 34º. em 13.

Min. 16º. em 10.

Quer a maxima quer a minima, foi n'este mez superior á de Agosto. A temperatura no dia 13 foi a mais elevada de todo o verão. Houve 5 dias de maximas superiores a 30º. Em 1 (30º,3), 12 (30,2), 13, 14 (34º,7) e 29 (31º,0).

Nebulosidade elevada — Ceu limpo ou pouco nublado 23 dias.

Ceu nublado 7 dias.

Chuva — 5^{mm},2 em 7.

Horas de sol — 290^h,35.



CAMPINOS NAS LEZIRIAS — ALEMFFJO

NECROLOGIA

Visconde de Francos

A 15 de Setembro, faleceu o venerando fidalgo, 2.º Visconde de Francos, José Henrique de Castro e Solla.

E assim desaparece do carinho da família e convívio dos seus amigos numerosos, que todos eram admiradores das suas qualidades nobilíssimas de carácter, esse gentilhomem ilustre que era uma reliquia extreme da nossa mais velha aristocracia. Para todos que de perto o conheceram e com ele tiveram a honra de tratar, foi punham a noticia, logo confirmada, do seu falecimento. Enche-nos de magua e saudade a evocação dessa figura firme de fidalgo que sobretudo amou a patria e a liberdade, e por elas fervorosamente combateu, não pelo uso ou abuso da palavra mera, mas pela pratica rude das armas em esforçadas façanhas de heroísmo.

A melhor parte da sua vida foi devotada ao culto desse amor.

José Henrique de Castro e Solla, 2.º Visconde de Francos, serviu com brilho e heroísmo notáveis nas campanhas da liberdade ás ordens do marechal Saldanha, de quem foi um poderoso auxiliar e dedicadissimo amigo.

Nas linhas do Porto, na batalha de Almoester, em Torres Vedras, etc., lutára de modo que mereceu postos por distincção e lhe foi colocado o habito da Torre e Espada, ao peito, no campo de batalha, pelo Duque de Saldanha.

Era tambem fidalgo cavaleiro da Casa Real, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição e Villa Viçosa, cavaleiro da Ordem de Christo, cavaleiro de S. Bento de Aviz, etc., e condecorado com as medalhas de valor militar e de comportamento exemplar.

Sucedeu, no titulo de Visconde de Francos, a Fernando da Fonseca de Mesquita e Solla, que foi chefe do estado maior da 3.ª divisão militar, comandante de granadeiros da Rainha, coman-

dante da Guarda Municipal de Lisboa, general de brigada, ministro da guerra, ministro da marinha, presidente do conselho de ministros, Par do Reino vitalicio, comendador da Torre e Espada (ganha em batalha), comendador da Conceição, comendador de Christo, comendador de Carlos III de Espanha, cavaleiro de S. Bento d'Avis, de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia, etc.

Aos feitos d'armas do 1.º Visconde de Francos, Fernando da Fonseca de Mesquita e Solla, referem-se, entre outros, o *Dicionario Popular de Pinheiro Chagas*, vol. 5.º, pag. 387, Luz Soriano na *Historia do Cerco do Porto*, D. Antonio da Costa na *Historia do Marechal Saldanha*, pags. 298, 505, 506, etc., Bulhão Pato nas suas *Memorias*, tomo 3.º, pags. 6 e 7, etc.

O titulo de *Francos* foi concedido a Fernando da Fonseca de Mesquita e Solla pelo arrojadissimo e heroico feito d'armas por elle praticado na posição que era considerada o ponto mais fraco das linhas do Porto. Descendia de uma antiga e nobre familia portugueza, cujo apelido *Solla* ou *Sola* — que de ambas as maneiras tem sido usado — tirou a sua origem da collacção ou freguezia de S. Pedro de Serreleis (vidè *Portugalia Monumenta Historica*, vol I, fasciculo III, pag. 334 e o indice, pag. 444), concelho de Viana do Castelo.

N'esta freguezia de S. Pedro de Sola Rex tinham os membros desta familia uma boa quinta e casa de morada denominada *Quintana dos Solas*, e eram, nessa localidade, as pessoas mais importantes e qualificadas.

Mais tarde, temos conhecimento de Nuno Solla, que nasceu (seculo XII) e residiu na collacção ou freguezia de S. Julião da Sylva, concelho de Valença.

A este Nuno Solla fazem referencia as Inquirições do ano de 1258, bem como a seus filhos e netos, como se vê no *Portugalia Monumenta Historica*, vol. I, fasciculos III, pag. 367.

De Nuno Solla foi 4.º neto o celebre guerreiro e heroe Bernardim Solla, ao qual se referem todas as chronicas e livros de historia ao tratarem dos reinados de D. Fernando I e de D. João I.

Bernardim Solla, que tinha nascido em Inglaterra (vidè: *Vida de D. Nuno Alvares Pereira* por Fr. Domingos Teixeira, edição de M. DCC. XLIX, indice das principaes cousas, pag. 727, columna 1.ª), entrou em Portugal quando, quebradas as pazes de Alcoutim, se travou pela segunda vez guerra entre D. Fernando I de Portugal e D. Henrique de Castella. Desgostoso por não terem sido seguidos os seus conselhos de notavel guerreiro e os de um seu companheiro, não menos notavel, de nome Martim Paulo, conselhos que eram o combate sem receios, nem incertezas, nem transigencias, regressou, logo que a paz foi tratada no castelo de Santarem (1373), a Inglaterra, em cuja côrte seu tio Mossem Frederick Solla tinha muita entrada.

Morto D. Henrique de Castella e sucedendo-lhe seu filho primogenito D. João, novamente se declarou a guerra, vindo os inglezes em ajuda de Portugal.

No brilhante estado maior do Conde de Cambridge, filho do rei Eduardo de Inglaterra o Velho, lá vinha novamente Bernardim Solla, não só por esse amor de aventuras, tão vulgar na idade média, como á defeza da patria dos seus antepassados, onde ainda tinha importantes bens de fortuna.

Bernardim Solla distingue-se notavelmente nas tomadas dos castelos de Lobom e do Cortijo, e fica em Portugal depois de celebradas as pazes entre as duas nações. Gosava uma situação especialissima no nosso paiz. Tinha a confiança do Rei; estava aparentado com a mais qualificada nobreza de Portugal, por exemplo: com Gonçalo Gomes da Sylva, filho de João Gomes da Sylva, o Velho, e de sua mulher D. Constança Gil de Solla (*Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa, 2.ª impressão, pag. 306); tinha a consideração dos guerreiros da epocha, porque tinha entrado, no estrangeiro, em varias batalhas campaes; tinha a estima popular, por ser um acerrimo defensor da nossa independencia.

Na batalha de Atoleiros combateu heroicamente Bernardim Solla junto a D. Nuno Alvares

Pereira (vidé: artigos publicados em Inglaterra, intitulados *Campanhas Portuguezas*, de que foi auctor Edward Quillinan, notavel tradutor dos *Lusiadas* para lingua ingleza e erudito investigador historico).

Na batalha de Aljubarrota, Bernardim Solla, cavaleiro de *gram fazenda*, é um dos comandantes da ala esquerda, como se vê na *Cronica de D. João I por Fernão Lopes*, edição de 1895, vol. IV, pag. 145, cap. XXXVIII, na *Cronica de D. João I por Duarte Nunes de Leão*, edição de 1643, pag. 192, cap. LVII, na *Europa Portugueza de Manuel de Faria e Sousa*, edição de 1679, tomo 2.º, pag. 277 na *Vida de D. Nuno Alvares Pereira por Fr. Domingos Teixeira*, edição de MDCCXLIV, livro 3.º § 174, pag. 352 e indice das principaes cousas, pag. 727, no *Pomar historico, genealogico e critico de Fr. Antonio Rousado*, Ms., pag. 122, etc.

Ahi fez prodigios de valôr e deu a vida pela independencia de Portugal.

Da fórma como ele se portou ninguem melhor o diz que Fr. Domingos Teixeira, autor de elocução purissima e um dos que pôdem servir de mestres da lingua portugueza na opinião de D. Thomaz Caetano do Bem.

Diz assim:

«Os dois cabos estrangeiros Bernardim Solla e João de Monferrara nada ficaram devendo ao esforço, ocupando mortos o lugar, que defenderam vivos; faltou-lhes a vida para o premio, não para a fama, porque nos humildes jazigos em que descançam suas cinzas, nos ficaram em gloriosos epitaphios de seus nomes memorias mais perduraveis que os bronzes, eternas mais que os marmores» (pag. 371 do Livro III da referida obra).

E a pag. 388 da mesma obra:

«Dos nossos morreram, pessoas de conta, Vasco Martins de Mello, Bernardim Solla e João de Monferrara, os quaes, firmada no rosto a honra, com os signaes das feridas escreveram na terra com tinta de sangue a sua gloria.»

E ainda a pag. 390 § 224:

«Em seu beneficio se celebraram depois tão solenes honras funeraes, que pareceram as exequias ainda mais, que na assistencia da Majestade, na ostentação Reaes.»

quias ainda mais, que na assistencia da Majestade, na ostentação Reaes.»

A gravura da bandeira usada por Bernardim Solla na batalha de Aljubarrota encontra-se a pag. 192 da *Historia de Portugal de Pinheiro Chagas*, 3.ª edição, vol. 2.º

No 3.º volume da mesma *Historia de Portugal*, a pag. 609, 2.ª columna, lê-se que a gravura da bandeira foi tirada dum artigo manuscrito intitulado *Trofeus*, do qual foi autor Teixeira de Passos.

De Bernardim Solla foi filho Bernardo Solla, escudeiro com moradia na Casa Real (vidé *Me-*



VISCONDE DE FRANCOS

memorias d'El-Rei D. João I, no tomo IV, que contem a *colecção de documentos com que se autorizam as Memorias escritas nos primeiros três tomos*, por *Joseph Soares da Silva*, documento 31, pag. 223), e mais tarde cavaleiro. Deste foi filho Fernão Solla, que, como seu pae e avô, foi cavaleiro de linhagem. Era natural da freguezia de S. Julião da Sylva, concelho de Valença, e aí casou com D. Maria Teles da Sylva, filha de Martim Teles da Sylva (natural tambem da freguezia de S. Julião da Sylva e pertencente á nobilissima familia Sylva, que nesta terra tinha a sua torre-solar) e de sua mulher D. Guiomar Roiz de Afonceca, senhora de muito nobre estirpe, natural da Beira.

Fernão de Solla e sua mulher D. Maria Teles da Silva eram duodecimos avós do falecido Visconde de Francos.

Tal foi o Homem que ora desceu á paz ingloria do tumulo.



Publicações

Livros recebidos: (1)

Os meus Pecados — Trovas satiricas ao amor e ás mulheres, — por João de Sousa — Livraria Ferin — Lisboa.

Nação Portugueza — Revista de filosofia politica — Directôr: Alberto Monaraz — Editôr: França & Armenio — Coimbra.

Desta Revista, que é prestigiosamente colaborada, recebemos dois numeros:

Sumario do n.º 2 — A voz do Profeta — Teófilo, Mestre da Contra-Revolução — Segunda Carta ao sr. Moreira d'Almeida — Politica Interna — Politica Externa — Bibliografia.

Sumario do n.º 3 — O nosso Rei — Parlamentarismo — Pela dedução á Monarquia — As velhas liberdades e a nova Liberdade — Teófilo, Mestre da Contra Revolução.

Agradecemos.

(1) Oportunamente faremos critica apropriada.

Confeitaria do Calhariz

DE Alfredo Sá & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros — Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico em todos os artigos de confeitaria — Lampreias e dôces de todas as qualidades — Especialidade em CHÁ E CAFÉ.

Fornece luncos para casamentos, baptisados e solrêes

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Carlos Pimentel

ESPECIALISTA de doenças da bocca e dentes

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentista da Cooperativa Militar

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfeção meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36, 1.º (frente para a Rua Ivens)

Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Heroico contra todas as afeções dos orgãos respiratorios, taes como: tosses rebeldes ou convulsas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS PEDRO FRANCO & C.ª

RUA DE BELEM, 147 — LISBOA